

In Memoriam

MARIA EMÍLIA SILVESTRE (1932-2016)

A notícia chegou por uma amiga comum: “Venho informar-te de um infeliz acontecimento. Morreu a Maria Emília!”.

Nos momentos que se seguiram, a par de uma enorme tristeza pela perda de uma grande Amiga, sobrando uma amizade profunda sem mácula de muitos anos, senti também que tinha partido alguém com uma vida cheia e intensa, de muitos momentos de glória e grandes sucessos pessoais e profissionais.

Foi o reconhecimento desse trabalho de mérito, que tive a honra de acompanhar, e de partilhar nomeadamente nas atividades desenvolvidas no âmbito da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, que não me permitiu furtar ao pedido do Presidente da Direcção, Prof. Doutor Filipe Caseiro Alves para apontar esse percurso de vida da Maria Emília, enquanto dirigente e profissional distinta, ao qual acrescentarei alguns aspectos que retive também da sua figura de mulher e mãe.

Mesmo que em traços largos, é isso que me proponho fazer, não tanto para as pessoas que a conheceram e que com ela privaram, mas sobretudo para os radiologistas e radioterapeutas mais novos, pelo exemplo de trabalho e total dedicação que constituiu a sua passagem pela nossa Sociedade, pela Radiologia e Radioterapia portuguesas.

A Maria Emília Silvestre nasceu em Lisboa a 23 de Outubro de 1932.

Foi em Lisboa e na Faculdade de Medicina da Universidade Clássica que em 1957/58 conclui o curso com alta classificação.

Em 1959 e a convite do Prof. Francisco Gentil Martins entra para o Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil como Assistente de Radioterapia, lugar que ocupa até Janeiro de 1963.

É a época da valorização do apoio dos meios dosimétricos, dos aperfeiçoamentos no campo da física das radiações ionizantes e da radiobiologia, determinando melhor compreensão das bases da aplicação das radiações à terapêutica oncológica.

Num ambiente de trabalho de ensaios entusiasmante, exerce actividade no IPOFG de Lisboa e Laboratório Lopes do Rego, onde tem oportunidade de praticar as técnicas relativas ao emprego de isótopos, em diagnóstico e no tratamento.

Toma consciência que a Radioterapia é uma especialidade essencialmente clínica, facto que a leva a formular o projeto de se aperfeiçoar naquela matéria.

Mantem todavia ligação à área da radiologia, inclusivamente em período da sua vida em que se ausenta do país, entre 1963 e 1965, efectuando estágios no estrangeiro, em Paris com o Prof. Pierre Viallet e em Londres no Middlesex Hospital Medical School.

Após o regresso a Portugal obtém o título de especialista em Radiodiagnóstico pela Ordem dos Médicos em 1968.

Embora mantenha a sua atividade como radiologista, o seu interesse real, eu diria a sua paixão pela radioterapia e pela oncologia é inultrapassável e por sugestão do Prof. Dr. Ayres de Sousa (pai), decide aceitar a orientação da secção de Radioterapia do Serviço de Radiologia do Hospital de Santa Maria, após a morte do Dr. Manuel Corte-Real.

Em 1970 e ao abrigo de disposição regulamentar é deferido o seu pedido para poder efectuar os exames de saída do internato complementar de Radiodiagnóstico e de Radioterapia que faz com as mais altas classificações.

Habilita-se ao Concurso para graduado de Radioterapia que realiza em Maio de 1971, com a classificação de 18 valores, iniciando essas funções no Hospital de Santa Maria.

Em colaboração com a Direcção do serviço desenvolve o projeto de apetrechar o hospital com os meios adequados para responder às solicitações em matéria de radiações terapêuticas, e nesse sentido inicia as necessárias diligências. Dadas as reconhecidas carências existentes no Hospital de Santa Maria, naquela área, faz um trabalho notável de sensibilização junto dos serviços clínicos do Hospital e também do poder instituído, através de múltiplas exposições e memorandos que me dispense de dissecar em pormenor, salientando apenas a qualidade dos documentos produzidos na sua conceptualidade, enquadramento da problemática da radioterapia-oncologia a nível nacional, e clareza na definição dos objetivos a alcançar.

O seu interesse e a sua perspectiva face ao tratamento do cancro foi sempre abrangente e nacional, e que traduzisse de forma directa uma melhoria em cuidados de saúde no atendimento ao doente oncológico.

No âmbito de se inteirar dos parâmetros fundamentais a ter em linha de conta na planificação de um Serviço de Radioterapia com as características de um Hospital Universitário, desloca-se a Paris ao Hospital de Villejuif onde recolhe informação privilegiada da parte dos Prof. Maurice Tubiana e Arriagada e participa em reuniões científicas internacionais que lhe permitiram tomar contacto com os grandes desenvolvimentos tecnológicos também verificados na área da imagem, estreitando a relação e estabelecimento de pontes nas disciplinas de radiologia e radioterapia.

Vê coroada de êxito a sua perseverança na Unidade de Radioterapia do Hospital de Santa Maria inaugurada em 1980, da qual se torna a responsável, ficando a constituir quer na altura quer ao longo dos anos, um Serviço de referência no tratamento do doente oncológico.

A intervenção da Maria Emília nas actividades da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, inicia-se no final dos anos 70, integrando a Comissão Organizadora do I Simpósio Internacional sobre Radiologia de Intervenção, realizado no Alvor em 1979.

No rescaldo desse simpósio, e já com sede própria, houve que formar uma Direcção que tivesse no horizonte mesmo que de forma embrionária a candidatura de Portugal ao Congresso Europeu de Radiologia em 1987 (ECR 87).

Ao presidente indigitado da altura, Dr. Simões Raposo deparou-se a necessidade de escolher para seu Secretário-Geral alguém que permitisse o reforço e tornasse credível aquela candidatura. Tornou-se assim natural a integração da Maria Emília na Direcção.

Tive a felicidade de também pertencer a essa Direcção empossada em 1980, e posso testemunhar como eram entusiasmantes as reuniões religiosamente levadas a efeito quinzenalmente, e onde pude apreciar a forma metódica e de rigor como eram preparados e apresentados pelo Secretário-Geral os diferentes “dossiers” aos restantes membros da Direcção.

E foi assim com toda a lógica que na Direcção seguinte, que formalizou a candidatura em 1983, a Maria Emília já se apresentasse na qualidade de Presidente da Direcção.

Considero que foi absolutamente determinante para a escolha dos membros da Associação Europeia de Radiologia o reconhecimento da inteligência e energia da Presidente da Direcção da SPRMN para que Portugal fosse o país escolhido, e que simultaneamente a incumbissem de presidir à Comissão Organizadora do ECR 87.

Ao longo desses quatro anos de trabalho teve a capacidade de mobilizar muitas boas vontades, mesmo de alguns inicialmente cépticos, e de intervir nas diferentes vertentes do congresso, sendo indiscutível reconhecer que foi ao seu entusiasmo e empenho que se ficou a dever substancialmente o êxito do ECR'87, primeiro congresso europeu organizado num novo formato de sessões científicas, com ênfase na Formação Contínua, com dois Cursos Categóricos em Ressonância Magnética e Ultrassom e 42 Cursos de Aperfeiçoamento, facto que permitiu a classificação na categoria I pela Sociedade Norte Americana de Radiologia.

E foi também no rescaldo do Congresso que sob a sua orientação, a Direcção da SPRMN desenvolveu atividades orientadas para o conjunto dos associados, com serviços de videoteca, biblioteca, programa de informática e de audiovisuais e sobretudo a revista Acta Radiológica Portuguesa que de forma ininterrupta se começou a publicar em 1989, e da qual a Maria Emília foi a Editora nos dois primeiros anos.

Ao longo da sua vida profissional publicou mais de 60 trabalhos científicos e textos de referência obrigatória, e fruto do mérito desta e doutras atividades desenvolvidas, o reconhecimento que lhe era devido nacional e internacionalmente aconteceu com muita naturalidade.

Destaco em termos internacionais a atribuição de Sócio Honorário pela Sociedade Norte Americana de Radiologia em 1989, que como sabemos obedece a critérios rigorosos de atribuição, o recebimento de medalha de ouro de Serviço da Associação Europeia de Radiologia e a citação que dela é feita na publicação “Woman in Radiology” editado pelo Museu Roentgen no ano do Centenário da descoberta dos raios X em 1995.

No âmbito nacional foi-lhe atribuído o título de Sócio Honorário da SPRMN em 1996.

Quero salientar ainda as qualidades da Maria Emília como mãe e avó, que pude apreciar ao longo dos anos de trabalho na Sociedade, e mesmo nos tempos absorventes do trabalho associativo, nomeadamente os relacionados com a realização do ECR 87, foi sua preocupação permanente saber que os

filhos se encontravam bem e que o afastamento a que estava sujeita por via das responsabilidades assumidas fosse o mínimo penalizante possível. A ligação afectiva e dedicação aos netos foi inexcelsível.

Também o seu carácter solidário fez com que em determinada altura da vida e sentindo alguns constrangimentos na situação na altura do país, a tivesse feito ensaiar vivência em países novos e com novas experiências de liberdade.

Aqui também o seu sentido de verdade para reconhecer mais tarde e são palavras suas que “entre o sonho e a realidade existe um abismo doloroso” e de que o caminho a percorrer devia ser com inserção na sua terra.

A Maria Emília tomou muito precocemente a decisão de se retirar das suas actividades profissionais e eu consigo entender a dificuldade na altura sentida para preencher o seu quotidiano face à enorme energia que sempre lhe reconhecemos.

Daí que se comesse a dedicar a trabalhos em “Patchwork” e na concepção de belíssimos desenhos recorrendo ao recorte minucioso e à ligação entre tecidos de seda, produzindo produtos finais de grande beleza e delicadeza, absolutamente em coerência com a sua forma de estar e de viver.

Por tudo o que atrás está escrito, pelos trabalhos desenvolvidos em prol da Radiologia e da Radioterapia Portuguesa, pela acção de qualidade excepcional que exerceu na Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, a Maria Emília, tornou-se uma referência obrigatória entre a comunidade científica e associativa da SPRMN e é credora da gratidão de todos nós.

Permitam-me que para além do reconhecimento da figura incontornável como dirigente, radioterapeuta e radiologista da Maria Emília, eu releve nesta hora os mais de 20 anos de uma colaboração mútua, desinteressada e leal, que permitiu construir entre nós uma sólida amizade que o tempo não corroeu e que em mim estará para sempre presente.

Francisco Abecasis

Antigo Presidente da Direcção da SPRMN